



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitor

Paulo Roberto Volpato Dias



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Antonio Augusto Passos Videira

Erick Felinto de Oliveira

Flora Süssekind

Italo Moriconi (presidente)

Ivo Barbieri

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

IDENTIDADE SOCIAL E CONTATO LINGUÍSTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

MÔNICA MARIA GUIMARÃES SAVEDRA | MARCO ANTONIO MARTINS | DERMEVAL DA HORA

Organizadores



Capítulo 1

IDENTIDADE E LÍNGUA NA ILHA DE SANTA CATARINA: SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O *MANEZINHO* E O *MANEZÊS*

Cristine Gorski Severo

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Christiane M Nunes de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/CNPq

Introdução

Este capítulo trata da relação entre identidade e língua na Ilha de Santa Catarina, município de Florianópolis. Considerando a heterogeneidade linguística e a identidade como processos dinâmicos de constituição, este texto visa (i) refletir sobre implicações teórico-metodológicas de relacionar identidade e língua a partir de trabalhos que discutem de forma geral a relação entre identidade e cultura e, de forma específica, entre língua e identidade; (ii) ilustrar essa relação a partir da correlação entre significados sociais que carregam marcas identitárias e traços linguísticos típicos do falar ilhéu.

Sobre o item (i), será retomado o clássico estudo de Labov sobre a relação entre usos linguísticos e identidade na Ilha de Martha's Vineyard e será apresentada uma atualização desse estudo feita por Blake e Josey 40 anos depois (2003), com fins de atestar, entre outros aspectos, que mudanças sociais produziram efeitos sobre usos linguísticos em Martha's Vineyard. A apresentação desses estudos será tomada como mote para se refletir sobre a relação entre os valores de tradição e novidade, especialmente com o advento de uma sociedade cada vez mais globalizada e, por isso mesmo, porosa às transformações e mudanças. Tal reflexão será importante tanto para se reavaliarem os cuidados metodológicos e teóricos necessários para os estudos que correlacionam identidade(s) e variabilidade linguística, como para contextualizar a realidade social que afeta a Ilha de Santa Catarina em geral e as avaliações e usos linguísticos dos habitantes da ilha em específico.

Em relação ao item (ii), serão apresentados alguns trabalhos que correlacionam identidade e língua a partir do levantamento de alguns traços linguísticos e discursivos característicos da *fala e identidade* locais tipicamente chamados de *manezês* e *manezinho*, respectivamente. Tais traços incluem aspectos fonológicos e prosódicos; o léxico e certas expressões; as formas de tratamento, com atenção especial ao uso de *tu* e sua marca de concordância verbal; e aspectos discursivos, como o uso do marcador “não tem?”. Trata-se de refletir tanto sobre a dinamicidade desses elementos, como sobre sua recorrência e estabilização.

Os itens (i) e (ii) são desdobrados nas duas seções a seguir.

1. Língua e identidade(s): reflexões teórico-metodológicas

Impossível não ser remetido, pela proposta de reflexão deste capítulo, à tese de doutorado de Labov (1972 [1963]) sobre o funcionamento das variáveis fonéticas [ay] e [aw] na Ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts. O postulado defendido pelo sociolinguista era de que a centralização da

primeira vogal desses ditongos assumiria um significado social de marca identitária dos nativos da ilha em resistência aos veranistas, à expansão do comércio e à ameaça da invasão econômica; assim, o uso da variante mais centralizada carregaria o significado social e identitário de que o falante “é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence”¹ (p. 36).

As vantagens da escolha dessa região para o referido estudo, segundo Labov, seriam suas unidade e distância em relação ao continente, além da sua complexidade social e geográfica, uma vez que a ilha seria dividida em duas partes, *up-island* e *down-island*, sendo a primeira de natureza mais rural, e a segunda, mais urbana, habitada por três quartos da população distribuída em três vilarejos. Tal população dividia-se em quatro grupos étnicos, entre os quais estavam os descendentes de ingleses, portugueses, indígenas e de outras origens; além desses grupos, havia os veranistas como população flutuante. Os distintos grupos sociais residentes da ilha compartilhavam valorações e avaliações diferenciadas em relação à presença do estrangeiro/veranista. É o que se evidencia na citação a seguir (LABOV, 1972, p. 29), que ilustra a importância do valor da tradição para os moradores de uma área rural mais isolada (*Chilmarkers*); tal valor se materializa nas apreciações desses sujeitos em relação à variedade da língua inglesa que utilizam:

Vocês que vêm a Martha's Vineyard não compreendem as origens das antigas famílias da ilha [...] uma origem estritamente marítima e tradicional. [...] Creio que usamos tipos completamente diferentes de Inglês [...] é quase outra língua em relação ao inglês (p. 29).²

¹ “is one of the natives to whom the island really belongs”. A tradução feita no decorrer do texto é de responsabilidade das autoras.

² “You people who come down here to Martha's Vineyard don't understand the background of the old families of the island ... strictly a maritime background and tradition [...] I think perhaps we use entirely different ... type of English language [...] it's almost a separate language with the English language.”

Tais avaliações se refletem na altíssima incidência de centralização do ditongo presente na fala desses habitantes da ilha, especialmente dos pescadores de idade entre 30 e 45 anos, se comparados aos demais. Labov justifica a forte incidência desse traço linguístico na fala desses pescadores por serem homens que cresceram em um momento de economia em declínio e que escolheram permanecer na ilha em vez de abandoná-la, como fizeram alguns de seus contemporâneos em busca de reconhecimento profissional. Alguns desses sujeitos que permaneceram na ilha participaram da Segunda Guerra Mundial, da Guerra da Coreia ou cursaram faculdades e depois retornaram. O trecho a seguir ilustra a avaliação de uma mulher sobre a fala de seu filho que abandonou a faculdade e voltou à ilha. O rapaz utiliza a expressão mais centralizada de todas ouvidas por Labov, fato que o sociolinguista explica como um fenômeno de hipercorreção, bastante atuante na implementação do fenômeno: “Sabe, E. nem sempre falou assim... foi somente depois que ele retornou da faculdade. Acho que ele queria se parecer mais com os homens das docas...”³ (LABOV, 1972, p. 31).

Sistematizando, Labov elenca três traços avaliativos em relação à ilha que interferem no uso das variantes analisadas: um de sentimentos positivos com relação à localidade, associados à tendência a uma realização centralizada dos ditongos [ay] e [aw]; outro de sentimentos neutros, que em geral não foram relacionados com nenhuma das variantes em particular; e um terceiro de sentimentos negativos que se expressam pelo desejo de deixar a ilha, associados às variantes menos centralizadas.

Finalizando esta breve exposição das reflexões de Labov sobre a relação entre avaliação, identidade e língua em Martha's Vineyard, podem-se depreender alguns aspectos a serem tomados como princípios teórico-metodológicos gerais: (i) os sujeitos avaliam os usos linguísticos e essa avaliação afeta a escolha/o uso de uma variante ou outra com finalidade

³ “You know, E. didn't always speak that way... it's only since he came back from college. I guess he wanted to be more like the men on the docks...”

de construção de uma dada identidade; no caso da pesquisa de Labov, trata-se da identidade de pertencimento a uma cultura e estilo de vida locais em oposição a outro estilo de vida “estrangeiro”, embora nem todos os habitantes da ilha compartilhem a mesma percepção do significado identitário vinculado às variantes linguísticas; (ii) as avaliações dos usos linguísticos com marcas identitárias não são estanques e homogêneas, mas podem ser vistas em uma escala que, no caso desse estudo de Labov, oscila entre valores positivos (pertencimento) e negativos (não pertencimento); (iii) a gradação avaliativa produz efeitos sobre os usos das variantes, incluindo até mesmo casos de hipercorreção, como resultado de um esforço do falante em busca da sua identificação com valores locais por meio do uso da variante de uma maneira acima do padrão utilizado; (iv) é possível apreender avaliações dos sujeitos sobre usos linguísticos através de uma série de recursos como entrevistas, testes de atitude, entre outros.

Feitas tais considerações, algumas questões podem ser levantadas: (i) O que leva um dado significado social identitário a se vincular a certo uso linguístico e não a outro, fazendo com que certas variáveis linguísticas sejam mais propensas do que outras a serem tomadas como lócus privilegiado para se estudar a relação entre língua e identidade? Neste capítulo, trata-se de considerar alguns traços linguísticos presentes no falar dos manezinhos da ilha como lugares de materialização dos significados identitários, como será visto na seção seguinte. (ii) Como o uso de certas variantes que carregam significados identitários passa a ser compartilhado e aceito socialmente? Trata-se de considerar o papel, por exemplo, das mídias, dos produtos culturais (literatura, peças de teatro), entre outros, na promoção e circulação de certos usos linguísticos com significados identitários. (iii) De que maneira as avaliações, não sendo homogêneas e tampouco estanques, refletem uma concepção de identidade tomada como processo contínuo de constituição e reelaboração, em vez de ser vista como acabada e estabilizada? Nota-se, nesse caso, que tanto as identidades como as línguas são (relativamente) mutáveis e porosas, sendo suscetíveis a mudanças

devido a questões históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas. (iv) Como operacionalizar, em termos metodológicos, uma correlação entre usos linguísticos, avaliações e significados identitários quando todos os três não são homogêneos e cristalizados, mas fluidos e dinâmicos (embora não sejam caóticos nem arbitrários)? Para ilustrar a natureza dessa fluidez dos significados sociais, tomam-se os trabalhos de Blake e Josey (2003), que retornaram à Ilha de Martha's Vineyard para rever os usos linguísticos locais. Ao considerarem como objeto de reflexão apenas a realização do ditongo /ay/, os sociolinguistas notaram que a expansão socioeconômica da ilha estremeceu o valor de tradição fortemente presente 40 anos atrás e ressignificou o valor do turismo na ilha, diminuindo a cisão forte que havia entre a identidade local e os turistas. Isto teria motivado a mudança em progresso, diagnosticada pelos autores, da centralização do ditongo /ay/, cuja ocorrência teria suavizado.⁴

Tendo apresentado o caso de Martha's Vineyard e levantado as questões acima, seguem adiante algumas reflexões de natureza teórica sobre a relação entre identidade e língua, considerando a complexidade do momento atual.

Segundo Hall (2006), as transformações pelas quais a sociedade tem passado, especialmente após o final do século XX, têm afetado diretamente categorias que foram consideradas sólidas e relativamente unificadas e integradas, como as identidades, a noção de Estado-nação, as tradições, entre outras. As identidades estariam, cada vez mais, passando por

⁴ Nas palavras de Blake e Josey (2003, p. 479-480): "Today, Vineyarders no longer appear to locate themselves strongly in opposition to tourists from the mainland, and thus they seem to be releasing the symbolic centralized /ay/ diphthong. As a consequence of the social changes befalling Martha's Vineyard, the notion of "the fisherman" as a local construct has nearly disappeared, and as a result, /ay/ centralization has lost its earlier social meaning. (This is not to say, however, that Vineyard men are not still identifying as fishermen.) [...] Today, Chilmark fishermen no longer have the status they once did, and young people are not inclined to choose fishing as a profession. In essence, the marked contrast between Chilmarkers as "local" and mainlanders as "the other" has virtually dissipated."

processos de fragmentação e desterritorialização, o que implica afirmar que as ideias de pertencimento geográfico ou de uma "pureza"/essência identitária não se sustentam em um período de fortes deslocamentos e circulações, como as migrações. Tal descentramento é chamado por Hall de "crise" das identidades. Algumas das transformações que teriam cada vez mais afetado as identidades são a globalização, as novas mídias e tecnologias, as novas estruturas de poder e os novos mercados econômicos. Sobre a globalização, mais especificamente, tem-se que a desestabilização das fronteiras geográficas, políticas, culturais, comunicacionais e econômicas e a potencialização da intercomunicação – visível, por exemplo, no surgimento de novas comunidades e organizações, como a Comunidade Europeia e o Mercosul, e na presença da internet no cotidiano das pessoas – estremece, por exemplo, a relação dos sujeitos com as tradições e a própria noção de sociedade como uma realidade homogênea e estática.

Tal estremecimento produz certa "pluralização" das identidades, gerando como efeitos identidades contraditórias e irreduzíveis a uma ou outra categoria (classe, etnia, gênero etc.): "Nenhuma identidade singular – por exemplo, de classe social – pode alinhar todas as diferentes identidades com uma 'identidade mestra', única, abrangente" (HALL, 2006, p. 21). Assim, a ideia de uma identidade como realidade homogênea e essencial passa a ser revista, ou seja, começa-se a questionar um passado puro, verdadeiro e indicativo de uma identidade original presente na noção de tradição, em que o outro/estrangeiro seria visto como ameaça. Essa relação com uma certa identidade original que se busca preservar é visível tanto nas atitudes dos pescadores de Martha's Vineyard, conforme mencionado anteriormente, como nas atitudes de alguns habitantes da Ilha de Santa Catarina (apud SEVERO, 2004), conforme segue:

A culpa é do turista, é claro. Se você perguntá pra mim se eu sei um pouco de casteliano, eu não sei falá, mas sou obrigado a puxá um pouco de casteliano até pra atendê-lo, porque se não vai chegar no casteliano na Barra da Lagoa

como vai alugar a sua própria casa? [...] Você, por si só, se entra na sala de aula acaba vivendo o dia a dia e aprendendo, né, a cultura dos outros estados, outros países [...] Então a sensibilidade da saída do linguajar do manezês açoriano acabou em função da presença de pessoas de outras culturas, de outros estados, de outros países, que tivemos que praticar aquele ato de linguajar dele pra dar uma atenção pra ele.

(Trecho de entrevista – Varsul – M, primário)⁵

[...] se tu vai pro interior do Ribeirão da Ilha, onde lá, onde lá não chegou, lá tu vai encontrá o manezinho típico, que pouca influência tem desse mundo que taí [...]

(Trecho de entrevista – Varsul – F, 2º grau)

Mas se as identidades são fragmentadas e mutantes, o que explica a recorrência de certas atitudes e de traços culturais e linguísticos como marcas unificadoras e indicadoras de pertencimento a uma cultura local? Segundo Hall (2006), a globalização, como um fenômeno moderno, produziu três consequências: (i) a fragmentação das identidades; (ii) o reforço e reformulação das identidades (locais ou nacionais) como forma de resistência à globalização; (iii) o surgimento de novas identidades híbridas. A segunda consequência explica alguns esforços de grupos sociais em busca de uma unidade identitária; tal sensação de unidade seria produzida por três elementos: as memórias do passado, a vontade de se viver em comunidade e a perpetuação do que seria a herança (RENAN apud HALL, 2006). Esses três elementos configuram tanto a resistência à frag-

⁵ O Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (Varsul) é um núcleo interinstitucional de pesquisa que conta com a participação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), cujo principal objetivo foi formar, ao longo da década de 1990, um banco de dados de fala com 288 entrevistas, sendo 96 por estado (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Informações sobre o Projeto Varsul podem ser acessadas no site: <http://www.varsul.org.br>.

mentação e dispersão produzidas pela globalização, como a manutenção/construção de uma identidade cultural local, conforme ilustrado nas atitudes de certos habitantes de Florianópolis. Em tensão com os ilhéus de Santa Catarina, contudo, encontram-se diferentes grupos sociais oriundos de migrações e do turismo que alteram as características da população da ilha.

Cabe aqui um parêntese para delinear o perfil sócio-histórico do florianopolitano. Sobre o processo de formação e povoação da Ilha de Santa Catarina, pode-se dizer que a identidade do florianopolitano é marcada, sobretudo, pela colonização açoriana, que ocorreu entre os anos de 1748 e 1756. O povo aportado na então Vila de Desterro apresentava características peculiares, que vieram a influenciar o modo de vida de seus descendentes no que diz respeito a aspectos culturais, econômicos e linguísticos.

De acordo com Flores (2000), a tradição açoriana é reconhecida não apenas na língua do florianopolitano, mas nas festas (em especial a Festa do Divino Espírito Santo), na religiosidade, na música, na culinária, no artesanato, nas relações familiares e nas histórias fantásticas de bruxas, lobisomens e sereias encantadas. Economicamente, pode-se dizer que ainda é forte a tradição da pesca nas praias da ilha, embora a pesca artesanal esteja sendo em grande parte substituída pela pesca industrial (LAGO, 1996); além disso, atualmente Florianópolis se destaca pela maricultura, sendo o principal produtor de ostras do país (MOSIMANN, 2010).

Historiadores relatam que os açorianos que colonizaram a ilha eram, em geral, analfabetos, e chegaram de outras ilhas,⁶ igualmente isoladas, que à época ainda eram caracterizadas por uma estrutura social identificada com o feudalismo. Nas palavras de Mosimann (2010, p. 148):

⁶ O Arquipélago dos Açores situa-se no Oceano Atlântico e compõe-se das ilhas de São Jorge, Pico, Faial, Flores, Corvo, Terceira, São Miguel, Graciosa e Santa Maria. Segundo Santos (2004), essas ilhas foram descobertas em 1432 e tiveram seu território povoado por portugueses a partir de então.

Esse contingente importante [de açorianos] não pode ser desmerecido e exerceu importante papel naquele momento histórico e na gênese do povo catarinense, mas a evidência com a qual se deparam os estudiosos é esta: a de imigrantes analfabetos e despreparados, desprovidos de recursos técnicos, oriundos de uma sociedade com características feudais.

Santos (2004) aponta que os açorianos chegados à ilha “reuniam uma ancestralidade de uma sociedade isolada, quase primitiva” (p. 148). Esse comportamento de povo fechado, provinciano e desconfiado ainda é atribuído nos dias de hoje à atitude do chamado *manezinho*, o típico florianopolitano nascido em uma das *freguesias*⁷ da cidade. Provavelmente por conta do alto número de analfabetos, a cultura dos cerca de 5 mil açorianos⁸ chegados à ilha era essencialmente oral e deles há poucos registros escritos, como cartas e memórias.⁹ Com relação à herança *linguística* deixada por esses colonizadores, Flores (2000, p.77) ressalta que:

Os casais açorianos teriam sido responsáveis pela implantação, em Santa Catarina, das bases administrativas de origem portuguesa, sedimentando a língua portuguesa; a cultura era de tradição portuguesa e, ainda mais, o po-

⁷ *Freguesias* são núcleos populacionais criados pelos imigrantes. De acordo com Santos (2004, p. 51): “Caracterizadas como tendo o seu centro numa praça em quadro, onde um dos lados era ocupado pela igreja, essas freguesias ainda hoje apresentam características particulares quanto à arquitetura das construções, propriedades, sistema econômico, tradições, folclore e maneiras de falar.”

⁸ De acordo com Mosimann (2010), até pouco tempo atrás se acreditava que, além dos 5 mil açorianos, mais de 500 colonizadores vindos da Ilha da Madeira tivessem chegado à Ilha de Santa Catarina. Era comum, inclusive, que se falasse em colonização *açoriano-madeirense*. O autor ressalta, contudo, que Walter Piazza (historiador catarinense), em pesquisa histórica que realizou entre os anos de 1979 e 1986 em diversas fontes de Lisboa e arquivos distritais das Ilhas dos Açores, constatou que a leva de 520 madeirenses que deveria chegar a Santa Catarina por volta de 1759 acabou naufragando, e que de fato só chegaram ao Brasil 59 madeirenses embarcados em abril de 1759.

⁹ Santos (2004) ressalta que o ensino oficial nos Açores foi instituído somente em 1759, o que pode justificar o analfabetismo entre os colonizadores da Ilha de Santa Catarina.

voamento açoriano teria sido responsável pela defesa da região garantindo as fronteiras brasileiras para o domínio português. Por tudo isso, os intelectuais afirmam a identidade luso-brasileira de Santa Catarina.

Retomando as discussões teóricas acerca da relação entre tradição e cultura local, questiona-se: não seria possível pensar a tradição como uma invenção (HALL, 2006), em que certos valores e práticas são repetidos e inculcados como indícios de um certo passado porque haveria nisso um ganho econômico agregado, na medida em que essa tradição passaria a assumir um dado valor no mercado dos bens simbólicos (CANCLINI, 2008)? É o que se tem, por exemplo, com a comercialização de objetos e práticas culturais locais,¹⁰ como as rendas de bilro, a dança do boi de mamão, o mito da ilha da magia e das bruxas, o pau de fita, além, evidentemente, do falar típico açoriano cujo léxico e expressões foram catalogados no dicionário da ilha (ALEXANDRE, 1994) e são amplamente tematizados em produções artísticas (literatura impressa, peças de teatro, *stand-up comedy*) e em diversos blogs e sites sobre a cultura local, entre outros. Trata-se, no caso das produções artísticas e midiáticas, de representações muitas vezes parodiadas e estilizadas do falar local, o que, evidentemente, funciona como veículo de difusão e cristalização de certos valores e apreciações estereotipados do *manezês* e do *manezinho* da ilha.

A modernização e midiaticização dos elementos culturais locais tomados como bens mercadológicos não são neutras, mas produzem efeitos sobre as avaliações dos sujeitos e, por consequência, sobre os usos linguísticos feitos por esses sujeitos. Dada essa constatação, toma-se como princípio metodológico geral para os estudos sobre variação linguística e identidade que não se trata “de conservar e resgatar tradições supostamente inaltera-

¹⁰ Sobre a comercialização dos bens culturais, “as lideranças empresariais e políticas locais têm buscado converter os atributos vinculados aos distintos patrimônios da Ilha de Santa Catarina – natural, histórico, cultural – em fontes de geração de riqueza.” (LINS, 2011, p. 113).

das. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade” (CANCLINI, 2008, p. 218). Ou, em outros termos, trata-se de compreender como se dá a relação mútua entre o global (movimentos de globalização) e o local (movimentos de pertencimento a uma tradição) e os efeitos produzidos sobre as avaliações dos sujeitos em relação aos usos linguísticos que carregam valores identitários; tais avaliações afetam as escolhas linguísticas, sendo que a variabilidade linguística não é vista apenas como reflexo de uma realidade em mutação, mas como o lugar onde os sentidos sociais identitários são construídos, negociados e/ou reiterados (ECKERT e McCONNELL-GINET, 1992).

Uma vez posta essa discussão ampla sobre o conceito de identidade e as problematizações que o circundam a partir de fenômenos contemporâneos como a globalização, a emergência das tecnologias digitais (internet) e a reconfiguração dos mercados econômicos, passamos a seguir à apresentação de traços linguísticos e discursivos que carregam valores identitários caracterizando tanto o falar florianopolitano (*manezês*), como a identidade local (*manezinho*), estando ambos em processo de mutação.

2. Manezês e manezinho(s) na Ilha de Santa Catarina: traços linguísticos

Dentre as marcas linguísticas hoje identificadas na fala do *manezinho*, certamente a que primeiro chama a atenção de quem chega a Florianópolis é a velocidade. Pagotto (2004, p. 43), referindo-se à rapidez verificada na fala florianopolitana, avalia: “guardadas as proporções, é a mesma sensação que um falante brasileiro experimenta quando ouve o português de Portugal coloquial.” O autor ainda enfatiza que a prosódia da fala do *manezinho*, aguda e com uma curva ascendente no final da frase, é bastante característica e não encontra correspondência em outros lugares do Brasil. De acordo com Pagotto (2004), nenhum desses dois traços foi sistematicamente observado até o momento.

Além do ritmo e da prosódia, o campo do léxico também se apresenta com particularidades. Expressões como “ó-lhó-lhó!” (significando *olha, olha, olha*) e “tás tolo?” (*estás tolo?*, sempre com a consoante fricativa alveolar palatalizada) são apenas algumas utilizadas pelo florianopolitano e por aqueles que tentam estereotipar o falar mané, como os artistas de *stand up comedy* que hoje fazem sucesso na ilha interpretando personagens manezinhos. Há ainda ditos populares como “qués, qués; não qués, diz” (*se queres, queres; se não queres, diz*) e “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa completamente diferente”, aparentemente apenas encontrados em Florianópolis.

Dentre os estudos científicos dedicados ao dialeto florianopolitano, destaca-se o de Bescancini (1996), a respeito da palatalização da fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda. A autora analisa a fala de 32 informantes descendentes de açorianos, nascidos e residentes em Florianópolis e filhos de pais nascidos na cidade, sendo 12 entrevistas cedidas pelo Projeto Varsul, referentes à zona urbana do município, e outras 20 do Banco Bescancini e Valle, sendo 12 da Freguesia do Ribeirão da Ilha e oito do Sertão do Ribeirão da Ilha.¹¹

Como resultado geral, Bescancini (1996) obteve a seguinte distribuição:

Tabela 1.1. Resultados gerais para a realização da consoante coronal anterior não morfêmica em posição implosiva na fala de Florianópolis (BRESCANCINI, 1996)

Variantes	Aplic./ Total	%
Palatal	1613/ 2663	61
Coronal anterior	351/ 2663	32
Apagamento	181/ 2663	8
Aspiração	18/ 2663	1

¹¹ A Freguesia do Ribeirão da Ilha é o segundo distrito mais antigo de Florianópolis, tendo sido criado em 1809. É caracterizado, sobretudo, por guardar de maneira mais evidente as tradições e os costumes açorianos (PEREIRA et alii, 1991, apud BRESCANCINI, 1996). Já o Sertão do Ribeirão da Ilha localiza-se dentro do distrito do Ribeirão, a cerca de 2 quilômetros da igreja matriz (BRESCANCINI, 1996).

Observe-se que a variante com maior frequência de uso é a palatal (como em *fe[j]ta* e *me[z]mo*), seguida da coronal anterior (como em *fe[s]ta* e *me[z]mo*) – um forte indicativo de que a pronúncia palatalizada da consoante fricativa alveolar em coda silábica é um traço dialetal característico da fala florianopolitana. Ressalte-se, entretanto, que a variante palatalizada, apesar de ser característica, não é *exclusiva* do falar mané, uma vez que é encontrada, por exemplo, na variedade carioca¹² (cf. SCHERRE e MACEDO, 1989, apud BRESCANCINI, 1996).

Uma marca que diferenciaria os dois dialetos seria a ditongação, no falar carioca (como em [doIj] e [treIj]), e a monotongação, no dialeto florianopolitano (como em [doj] e [trej]). Com relação a esse fenômeno, Cabreira (2000), ao analisar a realização dos ditongos /ey/ e /ay/ diante de fricativa palato-alveolar, relata que os falantes florianopolitanos, em oposição aos porto-alegrenses e curitibanos,¹³ são os que mais realizam monotongação (*p[e]xe* no lugar de *p[ey]xe* e *c[a]xa* no lugar de *c[ay]xa*, respectivamente).

Ainda no nível da fonologia, Faveri e Pagotto (2000) caracterizam o sistema vocálico do falar ilhéu como sendo mais posteriorizado, o que se verifica, sobretudo, na realização da vogal /a/ muito próxima de um shuá. Os autores atestam, ainda, uma grande semelhança entre a pronúncia florianopolitana da vogal /a/ e a pronúncia dessa vogal no português falado em Portugal (FAVERI e PAGOTTO, 2000, apud PAGOTTO, 2004).

¹² Scherre e Macedo (1989, apud BRESCANCINI, 1996) encontram a seguinte distribuição das variantes da consoante fricativa alveolar na fala da cidade do Rio de Janeiro: 63% de ocorrências de palatal, 23% de alveolar (que corresponderia à *coronal anterior* do estudo de Brescancini), 8% de apagamento e 6% de aspiração.

¹³ Cabreira (2000) utilizou como *corpus* o banco de dados do Projeto Varsul. O autor controlou ainda a realização do ditongo [ow] (como eu *frouxo*), mas constatou que, no que diz respeito a essa variável especificamente, a monotongação encontra-se em estágio avançado nas três capitais do Sul, o que pode indicar que esse fenômeno encontra-se mais generalizado que os demais (referindo-se à monotongação de [ey] e [ay]).

Com relação às diferentes realizações da vibrante – um traço bastante significativo para a diferenciação dos dialetos regionais do português brasileiro (PB) – Monaretto (1997), ao analisar a variável nas três capitais da região Sul, observa um predomínio da variante vibrante posterior em Florianópolis. Utilizando o banco de dados do Projeto Varsul, a autora constata o uso dessa variante em 78% das ocorrências encontradas nas entrevistas de informantes florianopolitanos, números que contrastam com aqueles encontrados nas entrevistas de Porto Alegre e Curitiba, onde o tepe é o registro preferido, com 55% e 39% de uso, respectivamente.

No que diz respeito ao apagamento da vibrante pós-vocálica (como em *caminhaØ* no lugar de *caminhar* e *senhoØ* no lugar de *senhor*), Monaretto (2000), ainda ao verificar dados do Projeto Varsul, atesta que o apagamento encontra-se em estágio mais avançado em Florianópolis do que nas outras capitais do Sul do Brasil. Os informantes da capital catarinense deixaram de realizar a vibrante pós-vocálica em 80% das ocorrências, ao passo que os porto-alegrenses registraram 60% e o curitibanos 50% de aplicação da regra de apagamento.

Pagotto (2004) faz, ainda, um minucioso estudo da relação entre a realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em *tia* e *dia*) e a identidade do florianopolitano. O autor analisou 63 entrevistas, utilizando dados de informantes da zona urbana de Florianópolis (oriundos do Projeto Varsul) e também de informantes da Freguesia do Ribeirão da Ilha e do Sertão do Ribeirão da Ilha (pertencentes ao banco Brescancini e Valle). Como resultados gerais, Pagotto (2004) encontrou a seguinte distribuição:

Tabela 1.2. Resultados gerais para a realização das consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de Florianópolis (PAGOTTO, 2004)

Variantes	Ocorrências	%
Não africada [t, d]	5263	61
Africada não palatal [ts, dz]	1771	21
Africada palatal [ʃ, ʒ]	1539	18
Total	8573	

Os números constantes na Tabela 1.2 indicam que a variante preferida pelos florianopolitanos, para a expressão da variável “realização da oclusiva dental antes de /i/”, é a não africada (como em [t]ia e [d]ia). Esse traço, bastante característico do dialeto ilhéu, parece estar, no entanto, em processo de desaparecimento. Os números encontrados pelo autor para o grupo de fatores ‘faixa etária’ podem indicar uma mudança em tempo aparente, como se verifica na Tabela 1.3, a seguir.

Tabela 1.3. Realização das consoantes oclusivas alveolares diante de /i/ na fala de Florianópolis, segundo a variável “faixa etária” (PAGOTTO, 2004)

Faixa etária dos falantes	[t, d]		[ts, dz]		[tʃ, dʒ]		Total
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	
15 a 23 anos	807	42	551	29	569	30	1927
Entre 25 e 50 anos	2457	66	654	18	624	17	3735
Acima de 50 anos	1999	69	566	19	346	12	2911
Total	5623	61	1771	21	1539	18	8573

É possível perceber que, apesar de a variante não africada ([t, d]) ser a preferência geral dos informantes de todas as faixas etárias – usada em 42% dos casos pelos mais novos, em 66% das ocorrências pelos informantes da faixa etária intermediária e em 69% dos dados produzidos pelos informantes mais velhos –, os mais velhos são os que apresentam os mais altos índices de uso dessa forma, que é assinalada por Pagotto (2004) como a mais conservadora. Os números se invertem para a variante inovadora, a africada palatal ([tʃ, dʒ]) – que é a preferida em 30% das ocorrências pelos informantes mais novos, em 17% dos dados produzidos por informantes da faixa etária intermediária e em 12% dos casos pelos informantes mais velhos.

Como apontado, o estudo de Pagotto (2004) parece apresentar uma mudança em tempo aparente no que diz respeito à variável “realização da oclusiva alveolar antes de /i/”, indicando a substituição da variante mais

conservadora, a não africada ([t, d]), pela variante inovadora, a africada palatal ([tʃ, dʒ]). Para se verificar se de fato essa mudança está se efetivando na comunidade de fala de Florianópolis, seria necessário correlacionar esse estudo a um que verificasse uma mudança em tempo real, ou seja, com amostras de diferentes sincronias. Somente assim é que se teria um indicativo concreto de uma mudança em progresso. Nesse momento, ainda é possível afirmar com relativa segurança que a realização não africada da oclusiva alveolar antes de /i/ é um traço dialetal característico do falar da Ilha de Santa Catarina.

No nível do discurso, Valle (2001) investiga os itens de origem verbal *sabe?*, *não tem?* e *entende?* nas entrevistas dos informantes florianopolitanos do banco de dados do Projeto Varsul,¹⁴ buscando verificar a intercambialidade desses marcadores discursivos em determinados contextos. Como resultado geral, a autora encontra a seguinte distribuição: das 521 ocorrências encontradas, 39% (203 dados) são de *sabe?*, outras 39% (205 dados) são de *não tem?* e as demais 22% (113 dados) são de *entende?*. Sua maior contribuição para o estudo das marcas linguísticas da identidade do manezinho é a percepção de que o item *não tem?*, apesar de se apresentar com a mesma frequência do item *sabe?*, é um traço aparentemente particular do dialeto de Florianópolis e regiões próximas. A respeito desse marcador, Valle (2001, p. 7-8) afirma:

Trata-se de um item especial, pois é bastante recorrente na região litorânea do estado de Santa Catarina, sendo desconhecido nas demais regiões do país, e é identificado como marca característica dos descendentes de açorianos de Florianópolis, comumente denominados *manezinhos da Ilha*.

Já no campo das formas de tratamento, Florianópolis também apresenta um sistema peculiar. Faraco (1996), a respeito da estreita relação

¹⁴ Valle (2001) utilizou, além da amostra-base do Projeto Varsul (24 entrevistas por cidade), mais 12 entrevistas de informantes de 15 a 21 anos, totalizando 36 informantes florianopolitanos.

que o autor acredita existir entre as formas de tratamento e a estrutura social, afirma que “mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais” (p. 52). Para o autor, as formas de tratamento são as marcas linguísticas que primeiro refletem alterações na sociedade. É importante ressaltar a relevância das mudanças sociais para a análise desse fenômeno, pois a cidade de Florianópolis reconhecidamente tem passado por profundas transformações sociais que podem estar associadas à mudança no sistema de formas de tratamento utilizado na ilha, conforme sugere Nunes de Souza (2011). Essas transformações também foram apontadas por Pagotto (2004) como fatores relevantes para a mudança em tempo aparente que o autor observou analisando a variável “realização da oclusiva alveolar antes de /i/”.

Algumas dessas mudanças sociais se vinculam ao processo de urbanização de Florianópolis, intensificado a partir dos anos 1970. Com o fechamento do porto que tornava a cidade um centro exportador e local de troca e mobilidade em 1964, uma nova configuração se consolidou, mediante o surgimento de um centro político-administrativo e, consequentemente, o aumento de atividades terciárias: dados de 2006 mostram que a atuação profissional de dois terços da população da região da Grande Florianópolis se dividia entre administração pública, comércio e prestação de serviços às empresas; tal crescimento urbano seria inversamente proporcional ao rural, visível na redução dos empregos vinculados aos setores primários, como pesca e aquicultura (SANTOS e PEREIRA, 2008; LINS, 2011). Essas alterações foram acompanhadas de um amplo crescimento da região da Grande Florianópolis, que entre os anos 1970 e 2007 expandiu 3,5 vezes mais do que o restante do estado, fenômeno resultante de fortes migrações oriundas do interior, de outros estados e países (Argentina, Paraguai e Uruguai); tais migrações fortaleceram amplamente os setores do turismo e do software. Além das migrações, a ilha tem recebido anualmente uma ampla população flutuante de turistas, sendo que em 2007 foram registrados mais de 780 mil turistas na região

(SANTOS e PEREIRA, 2008). Mais especificamente sobre o papel do turismo na transformação e urbanização de Florianópolis, “até há poucas décadas simples vilarejos litorâneos, viraram espaços urbanizados quase autossuficientes (Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição)” (LINS, 2011, p. 104), sendo que a costa sul da ilha não acompanhou o processo de urbanização nessa mesma proporção, se mantendo como uma região em que as tradições locais se mantiveram relativamente fortes. Evidentemente, essas modificações socioeconômicas afetaram o falar local.

TU	+	VOCÊ
Íntimo Familiar Em ambiente familiar Dos ilhéus Rude Informal Coloquial Desrespeitoso	+	Distante Com estranhos Influência de fora Bonito Educado Formal Correto Respeitoso

Figura 1.1. Avaliação de informantes residentes em Florianópolis a respeito dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* (cf. RAMOS, 1989).

Na avaliação dos informantes de Ramos (1989), o pronome *tu* é apontado como uma forma de tratamento utilizada em situações de informalidade e familiaridade, mas é também uma marca da identidade ilha – observe-se a avaliação “dos ilhéus”, feita em relação ao pronome *tu*, em oposição à avaliação “influência de fora”, feita em relação ao pronome *você*. Apesar disso, a forma de tratamento *tu* é assinalada negativamente, quando é referida como sendo “rude”.¹⁵

¹⁵ Observe-se, no entanto, que a forma de tratamento *você* também foi avaliada negativamente. O diagrama de Ramos (1989) mostra apenas seus principais resultados, mas ao fim de sua dissertação encontramos a lista completa da avaliação dos informantes, em que se pode verificar que há avaliação do pronome *você* como uma marca “esnobe”.

Furlan (1989) também faz considerações acerca do uso do pronome *você* pelos florianopolitanos de ascendência açoriana:

No açoriano-catarinense, o tuteamento é a forma típica e geral de tratamento entre familiares, amigos e colegas de profissão. Por **você** são tratados os interlocutores que não se acham incluídos nesse âmbito social; **você** guarda, pois, resíduos da conotação cerimoniosa de **vossa mercê**; o uso de **você** no trato familiar atesta que o falante não é de ascendência açoriana. (FURLAN, 1989, p. 151, grifos do autor)

Corroborando as considerações de Furlan (1989), Nunes de Souza (2011), ao analisar textos de peças teatrais de autores florianopolitanos dos séculos XIX e XX, aponta uma mudança no sistema de tratamento do português da Ilha de Santa Catarina. Segundo a autora, no século XIX o sistema era basicamente binário, quando se opunham as formas *tu* e *o senhor*, entre ocorrências menos frequentes de *vossa senhoria*, *vossa excelência*, *vosmecê* e *vós*, entre outras. Já no século XX, *você* entra no sistema e passa a ser tanto variante de *tu* como variante de *o senhor* (enquanto *tu* e *o senhor* em raras situações atuam como variantes), constituindo-se de uma forma nem tão familiar nem tão cerimoniosa – algo como um pronome de tratamento intermediário.

A autora também pode perceber, a partir da análise de peças teatrais, que no século XX, quando o pronome *tu* perde, em parte, seu espaço para o pronome *você*, alguns dos textos da amostra apresentam índices mais elevados de usos de *tu* do que outros. Nunes de Souza (2011) verificou, então, que as peças teatrais que apresentavam elementos de diferentes naturezas que remetiam à cidade de Florianópolis – como nomes de bairros, nomes de pessoas, personagens estereotipados e expressões populares típicas do florianopolitano (conjunto de traços a que a autora deu o nome de “índice de florianopolidade”) – eram aquelas que apresentavam maior número de ocorrências de *tu*, em detrimento de *você*; ao passo que aquelas

peças que não apresentavam traços de identidade e que poderiam ter sua história passada em qualquer outro lugar não apresentavam tantas ocorrências do pronome *tu*.

De fato, tanto o *tu* é o pronome de tratamento característico do falar florianopolitano, que nos dados do Projeto Varsul, investigados por Loregian (1996), não há um único informante que faça uso exclusivo da forma *você*. O levantamento realizado pela autora traz, ainda, outros números igualmente relevantes, como se verifica na Tabela 1.4, a seguir.

Tabela 1.4. Distribuição das formas de tratamento *tu*, *você* e *o senhor* em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (LOREGIAN, 1996, p. 20)

	VOCÊ	VOCÊ E SENHOR/SENHORA	TU	TU E VOCÊ	TU E SENHOR/SENHORA	MISTURA DE FORMAS	TOTAL
Curitiba	23	1	-	-	-	-	24
Porto Alegre	1	-	18	4	-	1	24
Florianópolis	-	-	11	7	1	5	24

Além da ausência de informantes que usam exclusivamente a forma de tratamento *você*, é possível perceber, também, que dos 24 informantes que compõem a amostra de Florianópolis, a maioria, 11, são falantes exclusivos de *tu*. Note-se, ainda, que sete informantes fazem uso das duas formas *tu* e *você*, outros cinco de todas as formas controladas pela autora – *tu*, *você* e *o senhor* – e um único informante usa *tu* e *o senhor*.

Pode-se dizer que o uso do pronome *tu*, assim como os altos índices de monotongação, de apagamento da vibrante pós-vocálica e de realização da variante palatalizada da consoante fricativa alveolar em posição de coda silábica, é uma marca dialetal florianopolitana, mas não uma marca *exclusiva* desse dialeto. O pronome TU é bastante associado aos falar porto-alegrense, associação essa que encontra respaldo nos estudos

científicos. Basta olhar novamente para os números constantes na Tabela 1.4: apesar de haver um informante que faz uso exclusivo da forma de tratamento *você* – o que não ocorre em Florianópolis –, é mais alto, em relação aos informantes da capital de Santa Catarina, o índice de informantes que fazem uso exclusivo do pronome *tu* como tratamento em Porto Alegre – 18 informantes.

Um traço que diferenciaria esses dois dialetos seria a concordância canônica com o pronome *tu*, em Florianópolis (como em *tu queres* e *tu foste/ fosse*), e o uso do verbo não marcado associado ao pronome *tu*, em Porto Alegre (como em *tu quer* e *tu foi*). Para Loregian-Penkal (2004), seria a marca de concordância, e não a explicitação do pronome *tu*, que se constituiria como uma marca de identidade do falar florianopolitano. A afirmação da autora encontra correspondência nos dados encontrados por Ramos (1989), que, além de consultar a opinião dos informantes acerca das formas *tu* e *você*, ainda mostrou a eles 10 fotos de pessoas jovens em seu local de trabalho ou andando na rua e solicitou-lhes que pedissem uma informação à pessoa fotografada. Como resultado, das 89 vezes em que os informantes usaram o pronome *tu* para se referir à pessoa da foto, 44 foram pelo uso exclusivo do verbo com flexão verbal e sem sujeito explícito (como em *Ø sabes me dizer onde fica a rua x?*), 27 foram pelo uso do pronome *tu* associado a uma forma verbal não marcada (como em *tu sabe me dizer onde fica a rua x?*) e 18 foram pelo uso do pronome *tu* associado a um verbo com concordância canônica de segunda pessoa do singular (como em *tu sabes me dizer onde fica a rua x?*).

Dos fenômenos até aqui mencionados, pode-se notar que não é o uso de um ou outro traço que caracteriza o dialeto da Ilha de Santa Catarina. Há marcas que são consideradas quase exclusivamente pertencentes ao falar florianopolitano, como a velocidade rápida da fala, a curva entoacional, a posteriorização da vogal /a/ e o uso do marcador discursivo *não tem?*; há, igualmente, traços verificáveis também em outros dialetos e que deles são bastantes característicos, como o uso do pronome *tu* em

Porto Alegre e a realização palatalizada da consoante fricativa alveolar em posição de coda no Rio de Janeiro; e há, ainda, traços que são de certa forma generalizados, como a monotongação dos ditongos decrescentes e o apagamento da vibrante pós-vocálica, ou que não são associados tão fortemente a um único dialeto, como a variante posterior da vibrante, mas que se apresentam com altas porcentagens no falar de Florianópolis.

Palavras finais

Este capítulo não teve apenas como objetivo elencar e discutir alguns traços linguísticos característicos do falar do manezinho, o nativo da Santa Catarina. Procurou-se propor uma articulação reflexiva entre identidade e língua de forma que essas categorias não sejam tomadas como estanques, homogêneas ou fechadas, mas sim como heterogêneas, porosas e mutáveis, características que têm sido potencializadas por fenômenos contemporâneos, como a globalização, as migrações e as novas tecnologias. Contudo, as fragmentações geográfica, identitária, política, cultural, entre outras, motivadas por aqueles fenômenos, não implicam o apagamento da tradição e do localismo, uma vez que estes surgem, paradoxalmente, como resistência à dissolução e ao estremecimento das fronteiras. A tensão entre o global e o local se evidencia em processos de variação e mudança linguística que caracterizam o falar local. Nota-se que o manezês oscila entre a conservação de certos traços linguísticos, como a velocidade da fala – que identificaria o falar ilhéu com o açoriano-português –, e uma maior porosidade a variações e mudanças, como a entrada do pronome *você* no sistema de tratamento – que identificaria o dialeto florianopolitano com tendências mais gerais, observadas em outras regiões do Brasil. Com isso, algumas questões que permanecem em aberto para futuras problematizações são: por que alguns itens se tornam mais porosos à assimilação de uma significação identitária do que outros? Por que certos itens linguísticos carregam forte significado local que o

tornam-se menos porosos à novidade e, portanto, à mudança linguística? Como a relação entre tradição (localismo) e novidade (globalização), tão característica dos tempos atuais, atua na relação entre identidade e variação/mudança linguística?

Capítulo 2

MARCADORES LINGUÍSTICOS DE IDENTIDADE DE GÊNERO E SUA RELAÇÃO COM A ADESÃO ESCOLAR DE MENINOS IMPÚBERES

Luis Centeno do Amaral

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Classe social ou classe sociocultural?

Grande parte dos estudos variacionistas analisa dados linguísticos em classes sociais estruturadas a partir de princípios econômicos. Labov (1966, 1974 e 1983) explorou a dimensão 'classe social' com base em critérios como *renda/patrimônio, ocupação e escolaridade*,¹ valendo-se de um grande número de classes (média alta, média média, média baixa; trabalhadora alta, trabalhadora média, trabalhadora baixa e baixa).

Em artigo publicado em 1987, Guy, ao examinar a relação entre linguagem e classe social, considera que uma das funções da linguagem é

¹ Para Le Page e Tabouret-Keller (1985) é necessário incluir aspectos relacionados com a identidade e a atitude do informante, isto é, com qual grupo ele se identifica. Também ajudam na divisão em classes: papéis sociais, acesso a bens culturais, escolaridade dos pais e/ou de filhos, ocupação em atividades de contato com público, liderança comunitária ou sindical, facilidade no aprendizado de línguas, facilidade de imitação de fala de outros etc.